

Aparição

Atrevo-me a apresentar este diálogo fantasioso entre o homem de ciências do século XVI que hoje homenageamos e uma autora mística relativamente moderna, pelo mesmo motivo pelo qual Vesálio inseriu numa das ilustrações anatómicas da *De Humani Corporis Fabrica* o músculo escaleno de um cão, explicando porém no texto alusivo que a inexatidão de tal figura se destinava apenas a evitar repetições...

“Espero grande mercê para a minha alma, por este serviço que...vos fez o meu corpo!”
Eça de Queirós, *in* O Defunto

Numa noite invernosa da década de 1920, o silêncio que reinava no casarão maciço da Universidade de Basileia foi interrompido pelos passos leves de uma jovencinha de figura ascética, esgueirando-se em direção ao Museu de Anatomia.

A jovem constava no registo de alunos da Faculdade de Medicina com o nome de Adrienne von Speyr. O seu biótipo de tísica combinava-se com um porte destemido perante quaisquer adversidades. Embora o seu caráter sorridente a tornasse uma companhia agradável, o fato de ser a primeira mulher na Suíça a empreender com sucesso estudos médicos fazia com que alguns a olhassem de revés. E, se o seu particular sentido de justiça lhe causava dissabores, os seus arroubos de misticismo, dos quais se murmurava que a predispunham para as visões, levavam a que mesmo Colegas que nutriam por ela alguma amizade experimentassem dúvidas quanto à sua sanidade mental. Numa ocasião recente, contradissera o depoimento de um dos seus Professores num caso de más práticas que fizera grande alarido no Hospital Universitário... E nesta noite, escolhera aquele Museu deserto para encontrar alguma tranquilidade.

Foi nesse estado de espírito que se abeirou do mostruário que resguardava aquela que era, por excelência, a relíquia da instituição: a preparação anatómica mais antiga do mundo, o esqueleto de Jakob Karrer von Gebweiler, adúltero e assassino da mulher, que estarrecera os bons burgueses da cidade quinhentista, e que, após a sua decapitação, merecera ainda a notoriedade de ser dissecado publicamente pelo anatomista Vesálio, então presente em Basileia para editar a sua obra-prima. Distinguiu-se o golpe da espada do carrasco, que cortara a quinta vértebra cervical... Tal como os místicos pintados por Dürer, a aluna contemplou meditativamente os ossos, refletindo que, se o seu amor pela verdade a conduzira a entrar em confronto com colegas e até com mestres, valendo-lhe acusações de falta de ética, também Vesálio enfrentara tais acusações. E, conforme os seus olhos se habituavam à débil luminosidade, viu que uma forma se materializava, encostada à vitrina onde campeava o esqueleto...

O recém-chegado era uma figura típica do intercâmbio de saberes do tempo de Erasmo. Conservava, nos cantos da boca, uma expressão irreverente de estudante, embora com algo de sombrio, mas a sua veste não era já a garnacha sebenta do moço intrépido que assaltava de noite os patíbulos; era o gibão de veludo lavrado que denotava um homem mundano e personagem influente, embora descorado pelas intempéries da sua peregrinação fatal...

A jovem estudante de medicina mantinha intacta a sua capacidade infantil para o maravilhamento, comparável à de Santa Hildegarde, outra médica e vidente das margens do Reno, e não sentiu qualquer temor, pois, a par do seu gosto pela ciência, estava habituada ao convívio com o sobrenatural... Logo reconheceu estar em presença do patrono do Museu, o próprio Vesálio. Este não se assemelhava em demasia ao retrato

enobrecido que a seduzira numa litografia francesa da época romântica, em que o anatomista surge como figura alta e desempenada, fitando um crucifixo em busca de aprovação para o seu gesto, antes de fazer a primeira incisão num cadáver. Tinha mais em comum com o que ela conhecia de uma gravura da edição de 1543 do “Epitomo”, pondo em evidência as particularidades físicas do anatomista: a cabeça algo desproporcionada, sobre um corpo com características de acondroplasia, que faziam com que a mesa de dissecação lhe chegasse à altura do abdómen, tornado proeminente pela curvatura da coluna...E Adrienne mais certeza teve quando tal personagem a interpelou:

- Não vos limiteis a olhar o esqueleto! Não quereis tocar-lhe? No meu exame final do Curso Médico em Pádua, eu tive de identificar pelo tato, de olhos vendados, cada osso que me era apresentado. Foi-me fácil, tal era a experiência que eu já vinha adquirindo na preparação de tais peças! Já deveis ter reparado, mandei representar os pormenores dessa operação nas iluminuras que rodeiam as iniciais de alguns capítulos do meu Livro... Primeiro, os corpos desmembrados eram mergulhados numa caldeira fervente. Parecia um retrato do Inferno; no entanto, esse procedimento havia já sido empregue por cruzados piedosos do Norte da Europa, que assim pretendiam conservar, para o transporte de regresso à pátria, os ossos daqueles que haviam morrido a combater no Oriente! Após essa primeira remoção dos tecidos moles, os espécimes ósseos eram barrados com cal e introduzidos numa urna perfurada, que depois era mergulhada no fundo de um rio, para que a água corrente acabasse de os limpar. Depois, seguia-se o trabalho de paciência de unir os ossos com fios de cobre, para lhes restituir uma aparência articulada. No presente caso, como decerto sabeis melhor do que eu, vós que nascestes nos dias de hoje, alguns dos ossos desapareceram durante a época conturbada que se seguiu à Revolução Francesa. Talvez na mochila de algum granadeiro de Bonaparte, que os tenha querido apresentar como troféu! Embora eu abomine as guerras que põe fronteiras à partilha fraterna da ciência, foram elas que me deram alguma prática cirúrgica...

O rosto de Adrienne havia-se iluminado de entusiasmo, apesar do caráter tétrico da descrição.

- Bem adivinhei... Professor Vesálio... Sois a sua alma?

Ao Anatomista desagradou essa palavra, rescendente às fogueiras do fanatismo.

- Digamos que sou o seu génio. Como um dia afirmei aos meus alunos, só o génio sobrevive, tudo o resto é mortal! E apiedeimei-me ao ver-vos de novo imersa nas vossas meditações, minha filha. Perdoai, mas andais perdendo o vosso tempo - teve uma expressão desaprovadora entre as suas barbas douradas, já raiadas de branco e despenteadas pelo vento do deserto, como as de um Moisés – Tenho reparado em quanto matutais se deveis permanecer numa das Igrejas Reformadas, ou juntar-vos aos Católicos papistas! Se quereis ser de algum préstimo à Humanidade, devíeis ler menos teologia comparada e mais anatomia! Se bem que uma donzela como vós não se devia imiscuir ntre a audiência das dissecações...

A aluna esboçou uma vénia sincera, embora acompanhada de um sorriso de leve desafio. De fato, entre a audiência apinhada em torno de Vesálio no frontispício da “Fábrica” não se evidenciava nenhuma figura feminina notória; a única mulher em lugar de destaque era aquela cujo cadáver estripado servia de tema à exposição do Mestre. E embora este tivesse querido representar-se como capaz de desvendar o maior arcano da Criação, o ventre da Mulher, o capítulo do seu livro referente à parte ginecológica comportava numerosos erros. Talvez nem tivesse sido ele próprio o primeiro a refutar a forma bicórnea do útero descrita por Galeno...Porém, Adrienne soube guardar tais observações para si, limitando-se a objetar:

- Desculpai, Senhor Professor... Mas já sob Luís XIV, um século apenas após nos terdes doado este esqueleto, os teatros anatómicos em França eram frequentados pelas damas de alta sociedade, devidamente precavidas com alegretes de violetas e açafates de tangerinas, que disfarçassem com seus aromas o cheiro da morte... Mais do que uma exposição médica, as autópsias tornaram-se um espetáculo aberto aos notáveis, bem como aos demais que pudessem pagar a admissão: e o que essas damas faziam para seguir tal moda, não o faria eu para ganhar conhecimentos com que servir o próximo?

Vesálio pareceu persuadido.

-Dizeis bem! Mas assim, ainda me dais mais razão. Deixai-vos de reflexões metafísicas que apenas conduzem a controvérsias estéreis. Vede o que sucedeu àquele bom espanhol macambúzio, Miguel Servet, meu condiscípulo em Paris, nas aulas de Mestre Gonthier d’Andernach... Descobriu a circulação pulmonar (descoberta na qual se mostrou mais ousado do que eu, que embora tenha negado ver no septo interventricular a comunicação referida por Galeno, supus que o sangue passasse de um lado para o outro através de poros invisíveis ao olho nu). E, porém, sepultou a sua descrição debaixo de um arrazoado de considerações teológicas no seu tratado “Restauração do Cristianismo” que lhe valeu o martírio às mãos de Calvino... Mais ajuizado foi Rondelet, outro da nossa turma, tão bom garfo que o nosso colega Rabelais o caricaturou nas suas “Aventuras de Pantagruel”... Conseguiu que construíssem para ele o primeiro anfiteatro de anatomia de França, na mais antiga Faculdade de Medicina desse país, Montpellier! Eu próprio, embora tenha tido a coragem de afirmar que o homem não tem uma costela a menos do que a mulher, como parece depreender-se do relato bíblico da criação de Eva, e embora me tenha referido à controvérsia entre Platão e Aristóteles sobre qual dos órgãos, cérebro ou coração, é a sede da alma, evitei tomar partido em questões teológicas. Apesar disso, o reformador Melancton não deixou de citar as minhas descobertas para demonstrar como quer o Espírito Santo, quer Satanás, agem no ser humano, cujo corpo, feito para habitar o Paraíso, seria a prova mais sublime da grandeza de Deus!

Desfiando estas reminiscências da vida universitária, Vesálio notou que a aluna tinha alguma dificuldade em acompanhar o seu alemão arcaico, da era do Sacro Império, com ressaibos do flamengo literário de Lovaina. Sugeriu então:

- Podemos falar em francês, já que sois do cantão de Neufchâtel... Ou em italiano, que bem conheço dos meus tempos em Pisa, Pavia e Bolonha... Ou em qualquer língua clássica. Na Universidade de Lovaina à qual a minha família esteve ligada durante gerações, as aulas, além de latim, eram dadas em hebraico e grego... Pois o meu grego é o de Galeno, ao contrário de muitos dos meus detratores, que nem seriam capazes de ler Galeno no original! E, claro está, também possuo uns rudimentos de árabe...

Adrienne, que anteriormente estivera absorta numa tentativa de compreensão, teve um novo sorriso, mas gaiato. Era evidente que Vesálio a queria impressionar, mas também ela, quando se vira constrangida a abandonar o liceu devido a problemas de saúde, estudara grego clássico às escondidas da mãe. E se, em bom humanista, Vesálio cultivava o latim elegante dos Antigos, longe do bárbaro latim medieval, os seus detratores afirmavam que à força de ser cinzelado, o latim das suas obras se tornava confuso, não lhe permitindo transmitir eficazmente quaisquer conhecimentos...

- Grego Clássico, então! É a língua mais apropriada para discutir filosofia... Mas se as minhas fossem só divagações teológicas, bom Mestre... - replicou Adrienne, sem ter a certeza de como se dirigir a Vesálio, mas sabendo que a designação “bom Mestre” não deixaria de agradar a qualquer médico detentor de um fulgurante percurso académico, e conceituado junto dos poderosos. E de fato, a expressão taciturna de

Vesálio adozou-se perante tal lisonja, vinda de um espírito tão insubmisso como o da jovem aluna.

- De novo vos terão acusado de falta de ética? Mas esse é o pão nosso de cada dia, minha filha; eu próprio, que sempre aprofundi a anatomia com consciência de médico, fui acusado de mentira e de irreverência por parte dos meus mestres, e de roubo de descobertas por parte de um discípulo que me devia tudo quanto alcançou! Já no vosso tempo, houve quem afirmasse que a minha obra-prima seria um plágio integral de uma obra anatômica perdida de Leonardo DaVinci... Terei eu culpa de que esse DaVinci, isolado na sua torre de marfim, não tenha querido colocar as suas descobertas à disposição da humanidade? Eu, apesar da minha juventude, uma escassa vintena de anos, já era um investigador conhecido antes de ter sequer posto pé em Itália, onde poderia ter visto a obra de DaVinci! Igualmente se disse que os esqueletos das minhas "Tábuas", ainda por cima apresentados numa paisagem que se disse surripiada de Ticiano, seriam uma cópia das ilustrações na obra de outro Anatomista, Estienne... Mas ao contrário de Estienne, eu represento os meniscos, que descobri pessoalmente, embora o meu professor Sílvio tenha reclamado prioridade...

Ah, esse Sílvio! Embora por forretice, não tivesse concluído o seu grau de licenciado, dava aulas magistrais, e muito concorridas, já que efetuava disseções diante dos seus alunos (tendo aperfeiçoado um método para estudo dos vasos sanguíneos, consistindo em injetar cera fervente nos vasos sanguíneos de um cadáver que ainda não tivesse perdido o calor). Tenho de reconhecer que lhe devemos a primeira descrição pormenorizada do encéfalo. Maugrado a sua reputação de avaro, pagava bem aos jovens audazes como eu, que lhe traziam cadáveres do cadafalso de Montfaucon... E eram tais peças que constituíam o maior atrativo das suas prelecções...

Bem menos populares eram as aulas do seu inimigo declarado nas lides universitárias, Mestre Jean Fernel, porém médico pessoal do Rei de França...Embora, como Anatomista, Fernel tenha sido o primeiro a descrever o canal da espinal-medula, era principalmente astrónomo. Soube calcular com exatidão a circunferência do globo terrestre, mas escorregava com facilidade da astronomia para a astrologia, dissertando sobre as hierarquias dos Anjos e Demónios, pelo que as suas aulas eram assaz nebulosas...Decerto adormeci durante alguma delas, após uma noitada a rapinar os mortos, e Fernel nunca me terá perdoado! Sílvio, pelo contrário, era um professor que apaixonava os seus alunos... Procurei imitar o seu brilho nas minhas próprias aulas e consegui, já que o Duque da magnífica Florença, Cosme I de Médicis, manifestou o desejo de assistir! Por sinal que esse Médicis, com a sua mentalidade de Condottiere, nos colocou perante graves dilemas éticos, já que não se limitou a por à nossa disposição os corpos de criminosos executados; levou o seu entusiasmo pela anatomia a ponto de entregar ao meu discípulo Falópio um condenado ainda vivo, com a intenção de que este o matasse conforme melhor aproveitasse ao nosso estudo...

Depressa compreendi: de que serve expor uma teoria com brilho, se o ensinamento é falso? O ensinamento do amigalhaço de Sílvio, o professor Gonthier d'Andrenacht, era mais livresco... Ao menos cumprimentou-me, pela minha perícia em dissecar os vasos espermáticos! E eu, que lhe fazia trabalho insalubre, não havia de desejar também os louros? Mal obtive o meu diploma de Medicina em Pádua, e tive na escarcela o meu primeiro salário de 40 florins como leitor em cirurgia (e bem merecia mais, já que eu era preparador, leitor e demonstrador num só, ainda suplementando as minhas aulas práticas com ilustrações!) preparei-me para publicar uma edição corrigida da obra "Introdução à Anatomia"que ele escrevera... E embora, nessa ocasião, eu me tenha mostrado razoavelmente respeitador, o professor, que eu não consultara, ficou ressentido...Daí que a nossa relação tenha ido de mal a pior; Gonthier era um daqueles

a quem eu me referia quando falei daqueles mestres a quem não tinha visto dissecar outros corpos, senãos os que lhes encham a barriga nos banquetes! E que dizer de Corti, o Professor de Medicina mais bem pago em toda a Itália? Queria-me a dissecar para ele, mas atuando apenas como um barbeiro enquanto ele desenrolava as suas teorias, do alto da cátedra, com uma arrogância que já não se usava nem nas aulas de anatomia dadas por Mondino de Luzzi, ainda na Idade das Trevas! Ficou célebre um nosso debate público... Expus toda a classe médica às risadas dos mirones que apinhavam a igreja de San Francesco em Bolonha, ávidos de presenciar a dissecação... Como os seus alunos arregalaram os olhos de gosto quando eu o interrompi, a propósito do número de lobos do fígado!

Diziam-me agarrado ao dinheiro? Quando eu era estudante em Paris, dizíamos a mesma coisa de Mestre Sílvio! Mas Sílvio mostrou-me o mais importante: gastar dinheiro com aquilo que permanece nas inteligências! O facto de edições piratas da minha obra terem começado a circular em toda a Europa pouco após a sua chegada às bancas dos livreiros, não me escandalizou: poucos podiam pagar um preço de 6 xelins como fez John Caius, meu antigo companheiro de quarto em Pádua, que depois se tornou médico da família real inglesa dos Tudores (olhai, mais um a quem as querelas religiosas causaram amarguras)! Eu tinha pressa em deixar a minha marca na História da Ciência, como dizem os que me admiram, ou em me insinuar junto dos grandes deste Mundo, segundo os meus detratores, por isso, não lamentei o ter gasto a minha mocidade no contacto com a Morte. E tão pouco lamentei não ter aproveitado financeiramente o sucesso comercial das minhas obras, cuja publicação fora uma empresa arriscada... Pensai só no custo do transporte dos blocos de impressão das gravuras desde Veneza até aqui! Imaginai, donzela, quanto foi épica a sua travessia dos Alpes, ao dorso de muares! Desembolsei com gosto tal investimento, pensando que o preço que as pessoas estariam dispostas a pagar pelo meu livro não seria só pelo seu mérito científico, mas pelo seu valor como objeto... A magnificência de um livro é um tributo à ciência nele contida, e se os meus volumes monumentais não se podiam escorregar no bolso de um avental de dissecação, dão gosto a folhear por um gentilhombre. Claro que os meus adversários não terão deixado de murmurar que, se o meu verdadeiro propósito fosse expandir o saber, eu deveria ter publicado uma obra mais manuseável!

Embora admirativa, Adrienne não manifestou reverência completa: sabia que Vesálio devia mais a outros autores quase esquecidos, por exemplo um tal Berengário DaCapri, do que estivera disposto a admitir!

- Mas o que me estais contando são quezílias académicas, bom Mestre... E há uma grande diferença no que está em jogo, quando se trata de salvar uma vida...

Vesálio encetou novo discurso:

- Também sei a quanto se arrisca quem pugna por salvar vidas, sobretudo as mais ilustres! Cioso da minha carreira, adulei o Imperador Carlos V atribuindo-lhe o título de patrono das ciências, tal como os Ptolomeus o haviam sido para os anatomistas da Escola de Alexandria; chamando-lhe até “divino” embora eu tivesse depois recusado esse epíteto a Galeno... Presenteei-o com o exemplar da minha obra revestido da encadernação mais luxuosa, e impresso no melhor velino. Porém, quando o Imperador me tomou ao seu serviço, e deixei a minha cátedra em Itália para seguir para norte o seu exército, vi-me confrontado com uma cruel realidade! Não tive o infortúnio do meu irmão Franciscus, que tendo sido nomeado Oficial de Saúde Pública em Viena, aí morreu de peste: mas sofri alguns desaires... Recordo-me da humilhação que passei perante o espanhol Daza Charcón, cirurgião militar que se entusiasmara perante minha minúcia nas demonstrações anatómicas, mas se considerou desapontado ao ver-me atuar

no campo de batalha... Foi ao ponto de me dizer “lerdo” e “torpe”; achou que eu me podia considerar afortunado em tê-lo por perto para corrigir os meus erros! Tão-pouco ganhei jamais a destreza daquele Ambroise Paré, que apesar da sua moral puritana, não teve pejo em fazer uma imitação grosseira da minha obra na sua “Anatomia para Cirurgiões”... Perdoemos-lhe, foi por um motivo elevado! Porém todos nós falhámos, quando fomos chamados à cabeceira de El-Rei de França Henrique II, já moribundo de uma lançada num olho, recebida durante um torneio que se fizera justamente para celebrar a paz entre o seu reino e o império de Carlos. E, com essa paz, tornei-me médico da corte imperial.

Decerto, não fui o médico principal de Carlos V, que aliás era um paciente rebelde...Sobretudo quando lhe censurávamos os seus excessos, durante as suas crises de gota! Já na Madrid de Filipe II, fui, sobretudo, médico dos flamengos meus compatriotas, que se haviam visto algo preteridos na corte face aos espanhóis... Mas chegado a essa altura, eu começava a preferir os saraus do El Prado às tertúlias académicas... Confesso que, depois de tantos anos entre a boémia estudantil, me sentia atraído pelo luxo e esplendor mais condizentes com a fidalguia das minhas origens; eu, que nunca desdenhei do meu brasão com três doninhas prateadas; que me ufanava de que meu pai, embora bastardo, se tivesse guindado a boticário da Governadora dos Países Baixos... E sabeí que, séculos depois, o meu último descendente veio a servir o maior imperador europeu depois de Carlos V, Napoleão!

Ao longo desta justificação genealógica, o génio de Vesálio julgou perceber no olhar da estudante uma nuvem de censura, como se Adrienne o estivesse repreendendo por haver renunciado à sua liberdade intelectual a troco de uma gaiola dourada, e prosseguiu:

- Mas por fim, pesou-me aquele ambiente de intrigas, em que os meus rivais me pretendiam apontar como um herege oculto por mais que eu (embora tenha irrefletidamente deixado retratar Lutero entre o meu auditório, no frontispício da “Fábrica”) trejurasse professar “a santa Fé pela qual conseguimos a salvação através das boas obras”! E essa fama deve ainda ter sido ampliada pelos partidários de um dos vários Príncipes cujos familiares se confiaram aos meus cuidados, o paladino do Protestantismo, Guilherme de Orange! Decerto pretendiam usar a minha reputação como um trunfo para a sua causa... Notai, eu não necessitava que fosse a Inquisição a queimar os meus livros...Eu próprio já tinha tomado essa iniciativa muitos anos atrás; sabia que muitos dos meus apontamentos, tais como estavam, serviriam mais para me arranjar inimigos do que para proveito da ciência! Mas, assim como as guerrilhas académicas me tinham antes enfastiado, ganhei agora vergonha por me encontrar afastado da investigação médica, vendo-me ultrapassado pelo meu aluno Falópio, cujos escritos eu não tinha autoridade para discutir, por não os poder comprovar! Por vezes, surpreendia-me a pensar se Oporinus, meu impressor na vossa cidade, não estaria àquela hora a chamar-me um cortesão molenga, do mesmo modo que ele chamava “vagabundo bêbedo” ao Doutor Paracelso, de quem antes fora amigo! Em resumo, sentia necessidade de me ausentar com um pretexto a que um monarca tão devoto quanto Filipe II não pudesse colocar objecções. Por isso me tornei peregrino da Terra Santa... Atraía-me o Oriente; porque eu, embora tendo percorrido todos os recantos da velha Europa, ainda não me tinha afastado desse seio materno... Os meus amigos diziam-me perseverante e tenaz, obstinado no meu labor como é próprio de um Europeu do Norte... Porém, o meridional DaVinci também se gabava de não lhe haverem faltado nem o destemor, nem o estômago rijo, nem o bom desenho, nem o sentido das proporções, nem a paciência, mas apenas o tempo...Sabei, Europeus do Norte ou do

Sul, pouco importa... A Ciência é uma pátria comum aos espíritos inquietos de qualquer cultura e de qualquer continente.

Eu próprio tardei a aperceber-me disso...mas os humanistas europeus talvez por um orgulho racial subconsciente, por contraposição aos asiáticos e africanos, acabaram por divinizar as obras dos seus clássicos gregos e latinos, que consideravam símbolos da cultura ocidental, mais fáceis de recobrir de um verniz cristão do que os sábios hebreus e árabes... Só quando, graças às minhas descobertas, me consegui emancipar das doutrinas clássicas, comecei a dar a devida admiração aos autores do Oriente; daí talvez a minha vontade de ir ao longe... Queria passar além das comunidades hebraicas visitadas por aquele Amatus Lusitanus ao qual me refiro na minha última obra; talvez ir até à Pérsia onde ensinou aquele Rhazés, o primeiro a correlacionar as lesões visíveis na anatomia do sistema nervoso com a clínica, e a leitura de cujas obras desenvolveu o meu espírito crítico: embora muçulmano cumpridor, Rhazés não temia discutir com os próprios teólogos do Islão, quanto mais com os que adoravam cegamente o saber antigo!

Por todos estes motivos, eu estava decidido a viajar, nem que tivesse de o fazer segundo o uso dos aventureiros da minha terra, confiando a minha fortuna na Europa a quem a pusesse a uso, apostando em reavê-la com juro de dois por um quando regressasse, ou em perder tudo para os depositários...Não temia pela minha família: sabia que a real mercê atribuiria à minha eventual viúva uma lauta pensão, que depressa a consolaria; minha filha estava bem entregue, casada com o falcoeiro mor do palácio...

Dado que El-Rei me estimava, recomendou-me ao seu embaixador em Veneza, Garciahernandez, e assim pude beneficiar, à ida para o Levante, da proteção da Armada da República; o próprio Almirante Malatesta foi responsabilizado pela minha segurança... Mas cumpridas as devoções na Terra Santa, eu, perpetuamente insatisfeito, quis apressar o meu regresso. Ansiava por chegar à abertura do ano letivo, esperançado em poder vir a recuperar a minha cátedra em Pádua, antes que Fabrício de Aquapendente, um jovem promissor como eu já fora, a ocupasse. Nem esperei a partida da bem defendida frota mercante que levava o trigo do Egito para Itália, e entreguei-me a uma pobre nave de peregrinos, já sem recursos para uma viagem atribulada!

A aluna pareceu genuinamente compadecida.

- Decerto sofrestes muito, bom Mestre... Fostes vítima de escorbuto, segundo uma das versões que li...

Vesálio aquiesceu:

- E sabeis que o mais me penaliza, foi ter apresentado, perante os meus companheiros a bordo, os sintomas psiquiátricos que são muitas vezes uma das primeiras manifestações da doença. Eu, que na minha ânsia de conhecimento afrontei de modo tão afoito os ambientes mais macabros, fui tomado de pânico perante a perspectiva de que os meus restos mortais pudessem ser pasto dos peixes. Mas decerto os bons marujos perceberam quanto a minha personalidade estava alterada... O escorbuto era comparativamente raro nos barcos do Mediterrâneo, ao contrário dos que, naquela época de descobertas, se aventuravam em navegações pelo largo Oceano.... E notai que os membros da tripulação não adoeceram! Mas estavam habituados a transportar peregrinos, e sabiam quanto nós estávamos já esgotados pela travessia das extensões áridas d Médio Oriente...

Em Jerusalém era suposto que doássemos uma generosa esmola aos mosteiros que nos acolhessem, pagando em troca de uma dieta monástica aquilo que, no meu Brabante natal, teríamos desembolsado por um festim digno de figurar nos quadros de Bruegel. Quanto mais trazia na escarcela, derreteu-se depressa: foi para o soldo das sucessivas escoltas que os altos oficiais da administração otomana nos alugavam, à

guisa de proteção contra os ataques beduínos, na rota do vale do Jordão até ao Mar Morto. As jujubeiras que nos forneceram um mínimo de sombra na berma da estrada só mais tarde ficariam carregadas... Uma das minhas últimas conversações de que há registo foi com um superior da Ordem Franciscana, detentor do título “Guardião da Terra Santa”... Formulei-lhe a opinião de que a Planície de Jericó, se adequadamente ajardinada, providenciaria toda a sorte de manjares... Mas então, que tristeza! Há muito que os palmeirais, tão afamados na Antiguidade, haviam definhado; e na época do ano em que percorri essas paragens, nem os ácidos marmelos estavam ainda crescidos. Entre Gaza e o Sinai encontrámos uma ou outra figueira, mas com frutos ainda diminutos. Embora céptico, como entendi então a página do Evangelho em que Cristo amaldiçoa a figueira improdutiva! Só me pude refrescar com um ocasional cacho de uvas, que nesse clima tórrido pintam cedo. Na época em que chegámos ao Egito, os melões sumarentos estavam submersos pela cheia do Nilo... Já estavam maduras as romãs, de igual modo celebradas pelos festeiros pagãos como pelos salmistas do Povo Eleito, mas nessa altura, eu já me sentia demasiado fraco para regateá-las nos souks de Alexandria... E por isso os meus ossos lá ficaram, a meio do Mar Jónico, em terra grega então colónia dos Doges, a ilha de Zante...- um laivo de vaidade passou na expressão doentia do douto peregrino - Por sinal, lugar até honroso para um latinista como eu; já que foi também a última morada de Cícero!

Então, o Mestre tocou a testa da aluna com os dedos, que, através da vida aristocrática dos seus últimos anos, haviam conservado a aspereza das lavagens com pedra-pomes para retirar os vestígios da morte...

-E com esta bênção vos deixo o meu maior legado, filha: lutai por aquilo em que credes... Assumi essa luta perante os vossos Professores, Colegas... e Discípulos, se os vierdes a ter! Não temais encarar a fealdade para buscar a beleza, tal como os artistas plásticos que frequentavam as minhas aulas se sujeitaram ao fedor e à vista das cores da putrefação para, a partir de tais restos nauseabundos, reconstruírem corpos dignos de Apolo... Buscai uma Verdade que não se funde apenas em doutrinas abstratas, por mais atraentes, mas na observação e na experiência; em factos que resistam à ponta do vosso escalpelo. E tendo-a encontrado, parti dessa base para construirdes o vosso sonho, e persegui-o com todas as vossas forças - e, com um riso melancólico - ainda que esse sonho seja o de saborear uma taça de vinho do Veneto ou uma caneca de cerveja do Artois, que eram as minhas miragens quando eu errava, já alterado pelo escorbuto, nos desertos do Sinai... Abençoe-vos o Deus de Galeno, e de Rhazés, e de Amatus, e de Pará, e dos reis das Índias mais longínquas que têm a Cirurgia como dádiva divina, a transmitir aos filhos...

Vesélio desapareceu. E Adrienne, a tão frágil sonhadora, sentiu-se percorrida por um frémito, em que perpassava um novo ânimo para a aventura de se tornar médica.

Mariana Bettencourt

